

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL CURSO DE  
LICENCIATURA EM DANÇA

**Trabalho de Conclusão do Curso**

**DANÇAS POSSÍVEIS: ACESSIBILIDADE E  
CORPOREIDADES**

**Layla Monçores da Silva de Paula**

**Prof(a). Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro**

Rio de Janeiro, 2021

# LAYLA MONÇORES DA SILVA DE PAULA

## DANÇAS POSSÍVEIS: ACESSIBILIDADE E CORPOREIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Dança, Departamento de Arte Corporal, Escola de Educação Física e Dança, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro

Avaliadora: \_\_\_\_\_

Profª Dra. Isabela Maria Azevedo Gama Buarque

Avaliadora: \_\_\_\_\_

Profª Dra. Virginia Kastrup



## **Agradecimentos**

Agradeço a minha mãe, Dona Marluci de Souza Monçores da Silva, pela postura de encorajamento e por estar sempre disposta a ouvir minhas confabulações mirabolantes. Agradeço a paciência demonstrada ao longo da minha vida, pelos valores e costumes.

Ao meu marido Joelson Cruz de Paula, agradeço pela disponibilidade de compor comigo nessa jornada da vida acadêmica que por vezes afetou a nossa vida familiar. Todo amor e música que só você faz.

Aos meus homens de casa, Thiago, Vinicius, Lucas e Nicolas Monçores, por serem parte dos meus amores e comporem minha mulheridade.

A minha eterna professora de dança, Vera Muait Jardim, onde tive acesso a dança, ao alongamento e a ginástica ainda na escola pública e mudou toda minha trajetória de vida, sendo artista e professora.

Aos meus colegas do Instituto de Psicologia da UFRJ e a todas as pessoas incríveis que encontrei neste projeto, em especial, Carol, Loyana, Mari, Ítalo, Gabi, Rafa, Calu, Larissa, Karina, Verônica, Mario Costa e João Pedro por trabalharmos juntos e pelas trocas sobre arte, acessibilidade, escrita e dança.

Aos meus amores do coletivo memórias, Thais, Ananda, Tori, Aline, Jacki, Raphael, Pedro, Gabi e Ana, que juntos criamos espaço na pesquisa da cena preta dentro da universidade, espaço criado no grito.

As mulheres que sonharam chão comigo, Ananda, Lídia, Laura, Carol, Isa, Thais, Silvana, Karol, Beatriz que em pesquisa dançamos mundos e criamos espaços de respiro.

Agradeço aos encontros que tive nesse caminho de formação de vida, Jaqueline Blanco, Iza Venas, Jackeline Karen e Pedro Gomes.

À minha querida orientadora, Ruth Torralba, por me inspirar em tempos tão nebulosos da graduação. Que em sua orientação cuidadosa e cheia de confiança fez do meu processo de escrita um momento de verdadeiro aprendizado.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma AOMAS que estiveram no percurso da graduação, dançando juntos.

## RESUMO

O presente trabalho pretende em primeiro lugar trazer reflexões acerca do campo da corporeidade a partir de uma experiência estética em dança com pessoas com deficiência. Além disso, este trabalho visa abordar a importância que os estudos de corporeidade podem ter no campo da dança quando uma política de acessibilidade é evocada. Foi feita uma pesquisa intervenção no âmbito das políticas capacitistas das deficiências através da atuação em projeto de extensão e de iniciação científica. Utilizo a cartografia como procedimento metodológico, assumindo implicações éticas e estéticas, acompanhando processos e criando um corpo para estar com as diferenças. Busca-se com essa pesquisa promover o respeito às diferenças num agenciamento de práticas possíveis e cuidadosas pela dança na relação arte e deficiência.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Corporeidade. Dança. Pesquisa Acadêmica.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CORPOS POSSÍVEIS</b>	<b>11</b>
1 - A questão da diferença	11
2- O que pode o corpo? Acesso é modo, é como.	12
3- Lei de cotas	16
<b>INTERFACE DANÇA E SAÚDE</b>	<b>19</b>
Presença no corpo que se é	19
<b>PESQUISA ACADÊMICA; EXTENSÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA</b>	<b>22</b>
1- Vocês dançam? Encontro Estético Online	27
2 - Dançarinos que se experimentam, dançando do meu jeito.	30
<b>Conclusões e recomendações</b>	<b>34</b>
<b>Referências</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

“O caminho muda, e muda o caminhante. É um caminho incerto, não um caminho errado. Eu, caminhante, quero o trajeto terminado mas, no caminho, mais importa o durante.”  
Estevão Queiroga- Música A partida e o norte, 2016.

Criando corpo, me faço cursar algumas disciplinas da graduação em Dança. Foi isso que senti nas aulas de ballet e contemporaneidade orientadas por Lidia Larangeira. Uma disciplina que durou todo o meu primeiro ano da graduação, 2015. A expectativa foi completamente frustrada quando a aula de ballet começou conosco deitados no chão com indicativos de perceber a sala, os colegas ao lado e o espaço geográfico da Ilha do Fundão no Rio de Janeiro. Uma voz de sotaque gaúcho acompanhando as manhãs de sábado. Um saber em dança atento ao como mover. Um livro de anatomia e um desenho para colorir os ossos e articulações do pé. Um saber em dança no observar meus sapatos marcando os calcanhares com dois grandes círculos. Um mover dos meus dedos. O estudar a dança descobrindo e movendo enredos emocionais e memórias pela proposta de aula na abertura dessas dimensões. Conheci meus pés em 2015, subi neles, dancei neles e vi um ballet o qual meu corpo coube, inaugurando um saber autônomo.

Uma cena que embala esta pesquisa é o dia que dancei o cheiro de laranja. Numa aula com movimentos de enfoque nos pés, sequências de flexão e extensão do tornozelo, a distribuição do peso do corpo na base fez com que os metatarsos e falanges se espalhassem e ganhassem profundidade no chão. De modo harmônico, esses movimentos convidam a cintura pélvica a dançar também. Um bailar de pequenos movimentos que alinham com a cintura escapular e com a coluna cervical onde todas e todos buscam a altura e a profundidade, o empurrar e o deixar crescer simultaneamente. No elo dessa dimensão fui convidada a me mover livremente pela sala. É então que o perfume invade a pele. Logo a boca se inunda. A língua desliza nos lábios. Os olhos se fecham lentamente com um respirar profundo. O dançar, foi ritmado com o movimento do plexo solar. Exalando o sabor laranja, colorindo toda a minha pele, dancei o novo, uma nova possibilidade. Possibilidade. É sobre isso

que falo. Poder saber de si. Um mover potente de signos e vazio de forma e idealização. Ampliar caminhos no mover. Possibilidade de caminhar em meu corpo, movendo sempre e nunca igual, nunca a mesma no mesmo corpo. O meu?

Em 2017, ingresso no projeto de extensão “A psicologia na escola favorecendo o aprendizado do aluno” orientado por Jerusa Rocha e Beatriz Sanchovki, vinculado ao Instituto de Psicologia - UFRJ. Projeto de psicologia escolar do Instituto de Psicologia que atuava no Instituto Benjamin Constant (IBC), ao lado do campus da Praia Vermelha da UFRJ. Uma escola especializada no ensino-aprendizagem de crianças e jovens cegos e de baixa visão. Descubro a necessidade de uma escuta sensível nas práticas corporais para as crianças com deficiência visual. Percebo que preciso criar uma fala que parta de um plano compartilhado e que crie referências para ambos os corpos em relação. Investigo em cada proposta de atividade artística o modo de composição a fim de borrar a lógica capacitista da arte com a contribuição da atuação da dança sendo agente da política de acessibilidade.

Logo nas primeiras oportunidades de estar em campo, observando os alunos do IBC, muitos pré-conceitos são questionados. Pré-conceitos sobre o que pode um corpo cego. Com a multiplicidade de modos de existir da deficiência visual, pude vivenciar o estranhamento do embate com o mundo, o choque do pensar e estar com o novo, como aponta Márcia Moraes (2010). Abrindo o mundo das diferenças e corporeidades únicas que são *experts* de si, desejei aprender junto com um grupo pequeno de crianças cegas que corriam pelo corredor e esbarram em mim, que andava vagarosamente atrapalhando o pique deles. Nesse espaço de projeto de extensão, onde conheço a estrutura da pesquisa acadêmica da Universidade Pública, sou atravessada por esse mar de ondas profundas e intensas na prática da pesquisa intervenção e sou acompanhada por autoras como Joana Belarmino, Márcia Moraes e Virgínia Kastrup.

Em 2020 me aproximo de Virgínia Kastrup ingressando, como bolsista de iniciação científica, no Projeto de pesquisa “Acessibilidade Estética Para Pessoas Com Deficiência Visual: Cognição Inventiva, Atenção Conjunta E



Ações Afirmativas” apelidado de “Acessando uns aos outros”. Uma pesquisa que tem o desafio de construir um programa amplo de acessibilidade, afirmando a responsabilidade recíproca da acessibilidade dentro do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuamos. O projeto busca identificar e analisar situações em que a atenção conjunta conecta pessoas por meio da arte e da experiência estética multissensorial, detectando possibilidades, dificuldades e desafios. Tal encontro me possibilita investigar a arte e a deficiência, afinando inquietações sobre corporeidade e expressividade. A relevância do movimento dançado aparece na manutenção da vida.

Nessa escrita dançada, o escrevinhar das minhas danças nos corredores da Escola de Educação Física e Desporto (Ilha do Fundão) e do Instituto de Psicologia - UFRJ (Praia Vermelha- Urca) sublinho como narrativa os passos dançados nas rodas folclóricas, as caminhadas no chão molhado do banheiro do bandejão, o arrepio da sala fria do NUCC (núcleo pesquisa cognição e coletivos), as leituras da tese de Maria Alice Motta e as reflexões das aulas de Ignez Calfa e Ruth Torralba em que a perspectiva da corporeidade são problematizadas e investigadas.

## CORPOS POSSÍVEIS

### 1 - A questão da diferença

Para pensar a diferença das corporeidades, nos deparamos com a problemática já identificada: a lógica binária e excludente que está inserida em nossa sociedade. Nossos corpos são marcados pela presença de engrenagens que reforçam a existência de duas opções onde uma exclui a outra. Engrenagens que operam através de lógicas religiosas, do capitalismo, da biomedicina, assim como do racismo e do utilitarismo dos fazeres corporais. Lógicas que reforçam e afirmam a exclusão, a ineficiência e desvalorização de pessoas e etnias. No tocante ao corpo, tais arranjos adoecedores formam corporeidades adoecidas. Inquietam-me outros modos de experimentação da corporeidade que investigo na tensão da diferença, da deficiência e da arte, da dança. Uma investigação da corporeidade no desejo de saber de si, pela dança, e saber de outros corpos, diferentes do meu.

A padronização que algumas condutas sociais, por exemplo, mostram o quão recente é a escuta e respeito aos direitos de outras corporeidade ditas “deficientes”. Em 2017, a lei N° 9.456 que estabelece os assentos preferenciais nos veículos de transporte público com a justificativa do problema de falta de cidadania perante a diferença do outro. É preciso então uma legislação de garantia de direitos como ir e vir, educação e lazer.

A diferença não é um problema na deficiência por si, mas sim frente a alguma situação que produza a deficiência, como aponta Márcia Moraes (2010). A política ontológica do pesquisarCOM (MORAES: 2010) a deficiência afirma a conjunção “e” em substituição do modo de fazer “isso ou aquilo”, entendendo que o outro é *expert* de si, logo seu modo de fazer deve ser respeitado e não ajustado ao modo que, eu, desejo. Nesse texto, a autora comenta uma experiência e argumenta que a intervenção centralizada na vidência, de um professor de teatro, fez o fracasso na atuação da atriz/ aluna cega congênita. A abordagem de saber de si na performatividade da experiência inaugura a não exclusão da diversidade. A redistribuição de

capacidades afirma a presença ativa do participante, a lógica de aprender com o outro e não só executar o plano de aula “pré-parado”. A pesquisa com a deficiência visual, e ousar dizer, que pesquisar com as pessoas com deficiência de um modo geral, deve se abrir para o respeito e para a escuta sensível que irão mover o plano de aula.

A acessibilidade é uma questão da pessoa sem deficiência, como eu, e tomá-la como uma questão coletiva é o que move a produzir espaços possíveis da dança. A imobilidade estaciona ditos sobre o corpo que aprisionam e adoecem a sociedade, os quais reforçam conceitos preconceituosos pelo medo do “mundo do outro”<sup>1</sup>. Os limites sensoriais e perceptivos da comunicação estão na atenção da orientação dos signos visuais que não são dados para toda a sociedade. O dançar está para além do que os olhos veem, como biologia funcional do órgão. Dançar é ampliar a dimensão de visibilidade dos aspectos sensoriais do corpo.

## **2- O que pode o corpo? Acesso é modo, é como.**

A dança é possibilidade de se mover. Dançar é ação de mover para fora do corpo e no corpo. É respirar inflando os pulmões e o peito convidando os ombros e a coluna cervical para o bailar da canção. Canção do silêncio da música em que se ouve a pulsação do coração, onde os dedos das mãos estão repousados sobre as coxas. Dançar é estar sentada numa cadeira com os pés apoiados no chão, escrevendo sobre o mover que a teoria da dança provoca. Mover de possibilidade potencial que existe nas coxas do teatro, na mesa de som e no centro do palco também. De acordo com a Teoria Fundamentos da Dança (TFD) criada pela professora Helenita Sá Earp:

“O corpo na TFD é sempre um corpo humano integral e integrado; o corpo do devir, esgarçado e disponibilizado, onde as fronteiras físicas não delimitam tão somente o fim do conteúdo corporal e sim o início da possibilidade de outramentos.” (MOTTA: 2006, p.89).

---

<sup>1</sup> Sobre o visuocentrismo, como um modo de agir e conhecer centrado no sentido da visão. Belarmino, 2004

Segundo Helenita, a linguagem da dança instaura uma potencialidade geradora do movimento pela conceituação de corpo afastada da dicotomia histórica que distancia do próprio corpo os habitantes deles. Um afastamento do corpo em práticas do cotidiano que o fazem desaparecer. Passamos por cima do pequeno sinal de desconforto quando ficamos muito tempo sentados em frente ao computador, por exemplo. A Teoria Fundamentos da Dança aponta uma visão e estudo do corpo através de práticas integrativas que apostam na expressividade, na tomada de consciência do movimento e na dimensão relacional do espaço interno e externo do corpo nas elaborações artísticas. Como forma de escape ao tempo cronológico e utilitário, a dança se apresenta em diferentes espaços sociais: em cultos, em festas, e em segredo quando dançamos do nosso jeito.

O corpo que dança é interligado de forma orgânica e espontânea, seja cineticamente ou potencialmente. Cada corpo, e pessoa, é detentora de potencialidades e possibilidades quando vivencia práticas que valorizem a atenção para si, a atenção no gesto de escovar os dentes, tão mecanizado, e visto, como novo, quando o escovar é feito com a mão não dominante, por exemplo. São as nossas práticas corporais que formam a percepção sensorial. Um exemplo é o reconhecimento dos passos de uma pessoa próxima que ecoa pelo corredor do prédio. Ter a atenção aos movimentos, ditos simples, do cotidiano é uma camada de expressividade e compreensão do mundo apostando na porosidade das percepções.

A corporeidade é a abordagem do movimento que o considera em sua multiplicidade, centralizando a descoberta do corpo por meio da experimentação, e que não se prende a modelos ou a uma determinada técnica corporal externa. Como nos diz Maria Ignez Calfa (2010, p. 17), “a corporeidade em sua vigência é o lugar da experiência, é a manifestação do ser sendo na dança [...]”. No trabalho sobre o corporeidade de Calfa, inaugura-se um corpo sensível por meio de propostas de relações do corpo com objetos, como argila e tinta, com a leitura de textos poéticos, com a escrita

de diários das impressões que estão ao longo dessa pesquisa e momentos de parar o movimento a fim de perceber a ação de deitar no chão.

Perceber os olhos, perceber a pele. Sou convidada a ver sem olhar pro espelho, sem olhar pra outros, só olhar pra dentro. Alinhamento, mapeamento das partes do corpo no chão. Ah o chão ... não sabia que o chão era um espaço de encontro, só o enxergava como passagem, trânsito-translado. Sinto meu suor, eu suor muito... Minha perna esquerda tem uma amplitude de rotação externa maior que a perna direita. Meu dedo mínimo esquerdo toca o chão quando deito. Me questiono se a amplitude é do tornozelo, afinal em 2008 fracturei o maléolo esquerdo, talvez o espaço tenha sido criado ali, ou é a mobilidade articular da pelve, ou joelho. ( diário de prática da disciplina corporeidade, ministrada pela professora Maria Ignez Calfa).

Dançar pela indicação da didática da dança na abordagem teórica Helenita Sá Earp, a qual aponta fundamentos da dança no espaço de articulação entre arte, filosofia e ciência no cenário universitário brasileiro, na escola de educação física e desportos (UFRJ). Dançar por meio de orientações somáticas da pedagogia do movimento pessoal, a relação com a plasticidade muscular, a dimensão líquida no percentual aquoso e linfático do corpo humano em sua anatomia... Dançar nossa corporeidade. Dançar aqui está no conhecer experiencial da sinergia e da espacialidade dos espaços interno-externo, na capacidade de abertura de camadas outras de si, de mim. Tal perspectiva se sabe fazendo, se conhece vivendo. Sendo corporeidade a escuta do espreguiçar ainda deitada na cama. Experiência que acontece ao notar as mudanças de temperatura pelas minhas mãos que esfriam e a energia da chegada de alguém nos pêlos do braço. Ampliar então o ideal social sobre o que é dançar, sobre o que pode um corpo, inaugurado pelo interesse da experiência em ser corpo, ser movimento.

Pensar a corporeidade se apresenta para mim numa oficina de Práticas Inventivas<sup>2</sup>, ao presenciar uma fala viva e sussurrada do estado corporal, novo, de uma aluna participante. Diante do convite de uma respiração profunda e lenta, deitada no chão de barriga para cima, uma participante, de 8 anos, diz: “Tia estou usando sutiã pela primeira vez hoje”.

---

<sup>2</sup> É o projeto de extensão universitária de Psicologia Escolar “A psicologia na escola favorecendo a aprendizagem do aluno” vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRJ.

Ao ingressar na equipe, pude estudar, planejar e executar oficinas semanais que tinham a arte como cerne. A arte sendo a via de acesso ao aluno. A arte sendo objeto de pesquisa nas supervisões. A arte acessando no conhecer criativo e relacional dos alunos. O processo sendo mais relevante do que a obra final. O caminho é valorizado quando a aprendizagem é a entrega e a abertura para a vivência artística. E pensar essa realidade experiencial e expressiva da arte com pessoas com deficiência, mas especificamente adolescentes, evidencia que o encontro com a diferença esbarra na questão: o que pode um corpo? Então no desafio de propor aulas de dança que não tenham o referencial do espelho, do outro - a professora - eu, a corporeidade se apresenta sendo o caminho de acesso, de encontro para a prática artística que desejássemos. Como aponta Marcus Vinícius Machado (2006), a corporeidade é o estudo, ainda novo, do olhar integral do e no corpo. A união dos sentidos possíveis do corpo no acionamento da interioridade e seus desejos no afastamento da mecanização dos exercícios. Uma construção inteira da relação do corpo com e no mundo, na co-criação das camadas perceptivas e expressivas. Essa cisão que existe sobre o corpo, dentro e fora, razão e emoção, só faz esvaziar e diminuir as intensidades dos encontros que nos formam e formamos-com.

Compreender a corporeidade como modo de acessar o outro foi a descoberta desse processo. Em se tratando de corpos com outras referências de compreensão do mundo, corpos cegos e de baixa visão, apresentando a multiplicidade de existências e a diversidade das relações com o mundo que não é dado e sim co-criado. Nos encontros, ao nos movermos juntos, a cinestesia compartilha a percepção do dançar coletivo que investiga o pensar arte.

“A abordagem da corporeidade que evidenciamos se faz na relação do corpo com o mundo e toma a dança como território privilegiado para o exercício da criação de processos de subjetividades. A dança evidencia essa poética do corpo que se tece na relação da ação, da criação e da transformação.” (CALFA; RIBEIRO: 2020, p. 43 ).

A dança é a ação privilegiada aqui. Como dizem Ruth Ribeiro e Ignez Calfa, a dança é manifestação poética dos processos da subjetividade no movimento. As camadas ontológicas da dança na perspectiva de dar sentido à existência potencializam o corpo em suas criações ao borrar linhas e assumir o olhar curioso a si mesmo. É então, uma corporeidade porosa e disposta ao cuidado na experiência em dança formando um corpo com.

### **3- Lei de cotas**

Nesta formação de corpo, é preciso falar sobre a forma de acesso à universidade pública. Por conta da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 e a lei 13.409, de 28 de dezembro de 2016, as chamadas popularmente por lei das cotas, asseguram o direito à diversidade nas instituições de ensino federais. Sendo o artigo 1º sobre a reserva de vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio no sistema público de educação. O artigo 3º determina sobre vagas reservadas a pessoas negras, pardas, indígenas e pessoas com deficiências, conforme critérios de autodeclaração e comprovação de comorbidade. Para regulamentação o decreto nº 7.824/2012 estabelece a renda familiar bruta como determinante nas reservas de vagas ficando então o sistema de cotas dividido por: (1) ampla concorrência (2) estudantes de escola pública, (3) pessoas com deficiência, (4) negros, pardos e indígenas com renda familiar igual ou inferior a um inteiro e cinco décimos salário-mínimo. Esta regulamentação afeta completamente a estrutura da Universidade Pública tornando possível a mudança do perfil étnico e econômico dos discentes, construindo então estranhamentos que forcem uma abertura ao novo. Fica posto então, a diversidade e a pluralidade na universidade, o que fortalece produções acadêmicas na ampliação de nível superior. É sobre um fazer acessível à presença de pessoas nos espaços de ensino. Este trabalho de conclusão é sobre acessar pessoas e corpos, demarcando a possibilidade de dançar por meio de políticas cognitivas e

legislativas, onde o permanecer é extremamente relevante, visto que concluir é o propósito do ingresso.

Parte de uma série de políticas afirmativas implementadas, a lei 12.711/2012 é uma das demandas antigas do movimento negro brasileiro. O Brasil é marcado por grandes desigualdades socioeconômicas e raciais, um dos países mais desiguais do mundo, o que se deve, em partes, à falta de acesso à educação e, conseqüentemente, à inserção no mercado do trabalho. No texto “Encontros com a deficiência na universidade”, escrito por Virgínia Kastrup e Laura Pozzana (2020), elas apresentam o cenário de criação que se instaura na universidade quando esta é forçada a mudar perante a diferença. Evidenciam o desafio de elaboração de dispositivos e estratégias de acessibilidade para professores e gestores no fazer possível para todas e todos. Desde as mudanças de estrutura física como rampas, banheiros, portas, mesas adaptadas, a necessidade de intérpretes de libras e/ou um lugar a frente na sala de aula, para aqueles que fazem a leitura labial e uma fala pausada dos professores, disponibilidade de texto acessível, o uso de computadores e avaliações orais são estratégias quanto a deficiência visual. Na tentativa de explanar uma lista destas mudanças fica evidente a singularidade de cada aluno com deficiência, e assim o discurso que só eles poderão ter sobre as estratégias e dispositivos que façam garantir a formação universitária.

“O problema da acessibilidade na universidade não concerne apenas aos alunos com deficiência, mas requer o envolvimento de professores, gestores, funcionários técnico-administrativos e da universidade como um todo. É também importante sublinhar que o problema da acessibilidade possui diversas dimensões e nuances, que vão bem além das questões pedagógicas e da sala de aula. Não é demais lembrar as imensas barreiras enfrentadas no deslocamento na cidade e no transporte público. No campus, existem problemas de acesso a bandejeões, lanchonetes e cafés. Há também todo um campo micropolítico de tensões que emergem nas relações com professores e diversas vezes com alunos ditos sem deficiência. Já equivocando esta dicotomia, podemos perceber que uma das deficiências dos alunos ditos sem deficiência é, muitas vezes, não conseguir lidar com alunos com deficiência, sem que o capacitismo entre em cena.” (KASTRUP, POZZANA, 2020, p 35)



A acessibilidade é um conceito que abrange duas dimensões, uma dimensão macropolítica e outra micropolítica. A macropolítica se refere à luta por direitos: gratuidade em transporte, aposentadoria, cotas, etc. é uma dimensão de lutas por igualdade de oportunidades. Já a dimensão micropolítica da acessibilidade possui um significado que abrange as relações e formam um dado território, e que moldam subjetividades; modos de perceber, de pensar, regimes atencionais, sensibilidades e desejos. Neste campo de estudo que reflete e questiona as lógicas excludentes, as pessoas sem deficiências estão no lugar de parceiros engajados na luta pela política de acessibilidade. O que se evidencia no território da faculdade são práticas capacitistas, naturalizadas na sociedade, que advém de um longo processo de produção da exclusão de certos grupos sociais, sendo o de deficientes um deles. Kastrup e Pozzana (2020) apresentam a dicotomia da deficiência dos alunos sem deficiência que só sabem lidar com alunos deficientes a partir da lógica capacitista. Essas práticas, dentro da faculdade, levam ao isolamento dos alunos deficientes, e muitas vezes, a um sentimento de estranhamento pelos alunos não deficientes ao se depararem com novos modos de existir. Soma-se a isso, as diversas vertentes teóricas que legitimam a inferioridade dos deficientes, se utilizando de um discurso de “falta” ou “déficit”, ao invés de reconhecer a multiplicidade de formas de existir e habitar o mundo, e da potencialidade dos corpos.

É importante tratar sobre modelo biomédico dos estudos da deficiência, onde a característica orgânica, biológica e médica instaura a lógica da falta e a redução de competência da pessoa com deficiência. Tal pensamento criou um meio social que afirma e evidencia a incapacidade de existência dos mesmos, fazendo com que a diferença seja colocada para fora, invisibilizada e, ousou dizer, que negadas à vida dita normal. O meio social que cria a deficiência, impõe as barreiras sociais na relação dos sujeitos no mundo. A antropóloga Débora Diniz (2007) aponta os estudos sociais da deficiência, onde a posição do modelo biomédico é muito hegemônico no senso comum e em que há uma valorização do laudo médico para todo e qualquer experiência, como se para entender e trabalhar com a pessoa precisasse conhecer e ter conhecimento da origem da condição da deficiência. Mas para a ampliação do modo existencial

isso não é necessário, são outros parâmetros logo outros modos de acessar e fazer possível a presença da pessoa com deficiência.

## INTERFACE DANÇA E SAÚDE

### **Presença no corpo que se é**

Na perspectiva da dança que me proponho a falar, a dança potencializa o corpo em seus encontros, na sutileza em perceber a força de vida na experimentação - no dançar junto. Um junto, debruçado em si pela auto-observação do sensorial do corpo (RIBEIRO: 2016). Um inclinar-se a saber na prática cuidadosa construída no encontro do aluno-professor/paciente-terapeuta. A palavra saúde está na integração que há na corporeidade dos dançantes, um saber do corpo que tem transbordamento de atenção no fazer cotidiano.

O Sistema Único de Saúde anuncia o alicerce nos princípios de acesso universal, público e gratuito às ações e serviços de saúde; integralidade das ações, cuidando do indivíduo como um todo e não como um amontoado de partes; equidade, como o dever de atender igualmente o direito de cada um, respeitando suas diferenças; descentralização dos recursos de saúde, garantindo cuidado de boa qualidade o mais próximo dos usuários que dele necessitam; controle social exercido pelos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional de Saúde com representação dos usuários, trabalhadores, prestadores, organizações da sociedade civil e instituições formadoras. Seguindo essa linha mais abrangente da saúde, a Organização Mundial da Saúde (**OMS**), em 1946, definiu a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. O SUS, instituído pelas Leis Federais 8.080/1990 e 8.142/1990, tem o horizonte do Estado democrático e de cidadania plena como determinantes de uma “saúde como direito de todos e dever de Estado”, previsto na Constituição Federal de 1988. Ele estabelece que a promoção da saúde é o conjunto de ações sanitárias integradas, inclusive com outros

setores do governo e da sociedade, que buscam o desenvolvimento de padrões saudáveis de: qualidade de vida, condições de trabalho, moradia, alimentação, educação, atividade física, lazer, entre outros.

Saúde não é só ausência de doenças, é também vitalidade e potência na presença que se é, no corpo que somos. O movimento é, por muitas orientações, um grande aliado na prevenção de doenças. Temos aí os estudos da própria educação física, essa parceria, destacando essa relação da importância da motricidade no desenvolvimento humano. Na dança, a motricidade é em todo tempo estudada, questionada e elaborada. Na formação de licenciada em dança a concepção temporal, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, a relação de totalidade e parte do corpo são conteúdos programáticos de um plano de aula de dança, que acessa e potencializa os corpos a se experimentarem integralmente, que na fluência da criação objetivos específicos de valências físicas<sup>3</sup> são tratados como tema e nutrem então a vivacidade da existência. A garantia de saúde é uma busca e desejo de todos, e não é novidade que a noção de corpo integral é o que promove a saúde.

Nessa compreensão ampla da saúde que Georges Canguilhem, em seu livro clássico “O normal e o patológico”, escrito em 1943 (2002), questiona os limites da norma na conceituação de saúde e doença. Sendo filósofo e médico, Canguilhem (2002) indaga o funcionamento das normas no caminho de produção de saúde, não estando a fim de romper ou alcançar a ausência delas, mas sim a criação de normas da singularidade do existir. Ao analisar a saúde em critérios de objetividade e cientificidade, a noção de saúde é dada na dissociação e a não observação da pessoa como um todo, excluindo a dinâmica social e subjetiva do sujeito, o que resulta em um reducionismo biológico.

Sua concepção de saúde aponta para a vitalidade e potência de criação que há na vida. Assim, não é a ausência de doença que garante um estado de

---

<sup>3</sup> Valências físicas é entendido como atributos inatos do movimento que podem ser estimulados em foco, são então a força, flexibilidade, equilíbrio, ritmo, velocidade e coordenação.

saúde. Por outro lado, uma anomalia, não necessariamente é uma doença. O autor vai assim indicando como a saúde está na relação com a vida, na possibilidade de criação de novas normatividades, de adaptações criativas do vivo para lidar com aquilo que difere da norma. Com a conceituação de normatividade vital abre a reflexão sobre normatividades sociais e o fluxo de elaboração de uma norma. Benilton Bezerra (2006) ao escrever sobre a normatividade vital apresentada por Canguilhem, diz:

O conceito de normatividade - e portanto de normal e patológico - adquire assim uma dimensão tanto individualista quanto holista e dinâmica. O indivíduo se constitui como uma solução dinâmica e funcional que responde às exigências do meio em que vive, por isso o meio faz parte, por assim dizer, da constituição da natureza do indivíduo; por outro lado, ao criar novas normas, o indivíduo influi sobre o ambiente, modificando-o, segundo suas aspirações, suas formas de vida. Ocorre um movimento contínuo de reestruturação recíproca, que difere muito do simples processo de adaptação: organismo e meio mudam juntos. ( BEZERRA, 2006, p. 104 )

A saúde constitui certo jogo de normas de vida e de comportamento, que se caracteriza pela capacidade de tolerar as variações das normas, quando é mais do que normal. A saúde constitui certa capacidade de ultrapassar as crises orgânicas, para instalar uma nova ordem fisiológica. Biologicamente assegurada pela vida, à saúde significa: o luxo de se cair doente e se restabelecer. (CANGUILHEM, 2002) A saúde se realiza na relação do indivíduo com o meio na implicação do fato biológico da vida, a existência. Os modos de vida estão relacionados à capacidade do indivíduo de interagir com os eventos sociais. Canguilhem está alerta para o fato de que a experiência humana e sua dinâmica relacional ultrapassam necessariamente os limites do universo biológico, incorporando inevitavelmente o simbólico e o social. (BEZERRA, 2006, p. 94)

E sobre presença no corpo que a dança torna espaço de saúde, um dispositivo de atenção ao que se é, ao corpo que somos, que por ser corpo em vida manifesta-se em movimento, em existência.

## **PESQUISA ACADÊMICA; EXTENSÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Entremeada totalmente pelo pilar Extensão Universitária que continuo essa escrita. Associada completamente com os pilares de Ensino e Pesquisa, que consiste em ações da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição<sup>4</sup>. A UFRJ aplica a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social. Definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2010): “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade”. É nesta articulação de processos acadêmicos formativos da universidade, que a extensão universitária apresenta uma possibilidade de protagonismo do aluno através do saber técnico e da atuação profissional, assim como a formação de cidadania quando compreendida a potência de agente de transformação social num pesquisar-fazer na atuação dos projetos de pesquisa e extensão universitária. Na abertura múltipla, que se dá pela extensão universitária, a produção de conhecimento e também as metodologias de pesquisas participativas de formato pesquisa-ação se sustentam.

A pesquisa-intervenção com intenção de construção mútua é uma potência na articulação dos mundos videntes e não videntes<sup>5</sup>. Márcia Moraes

---

<sup>4</sup> As diretrizes que devem orientar a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária, pactuados no FORPROEX (NOGUEIRA, 2000), são as seguintes: Interação dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; Impacto na formação do estudante; Impacto na transformação social.

<sup>5</sup> Aqui falo especificamente da atuação no Projeto de Extensão Práticas Inventivas, já citado anteriormente. Vínculo do Instituto de Psicologia- UFRJ e o Instituto Benjamin Constant (IBC), nos anos de 2017 e 2018.

(2010) aponta que a afetação se torna fundamental para construir o manejo. É nesse estranhamento com o novo, que o outro se reconstrói e se desafia a conhecer coisas novas. É nesse contato e conhecimento com o outro que se constrói e se criam possibilidades tanto para a criança, quanto para osicineiros e o coletivo das crianças, da turma. Neste sentido, a partilha de sentidos e a abertura da escuta permite a ampliação de perceber o mundo e fazer arte, acolhendo o saber do outro numa relação de redistribuição de *expertise*. O pesquisarCOM tece um fio de formulação com os estudos da corporeidade, que toma o corpo-saber em confluência no encontro com o outro. E esta aposta é política, pois dissolve a rigidez da academia como detentora do saber, da ciência, e articula o saber externo à universidade. Mais do que isso, um saber que vem dessas corporeidades, um saber que vem do viver. É azeitando as relações de corporeidades em atravessamentos e confluências, que o pesquisarCOM toma a potência dos encontros na abertura das corporeidades que o fazem. Marcia Moraes afirma junto ao coletivo do projeto de pesquisa Perceber Sem Ver<sup>6</sup> que:

“O trabalho com o corpo enquanto corporeidade traz como consequência uma pesquisa pessoal simultânea ao processo de viver-se. Experimentar-se é questionar-se também sobre o que é ser corpo, é também estar no caminho colhendo pistas sobre essa experiência. É abrir-se para a pesquisa da experimentação/criação/atualização de ser. Assim, nas oficinas, nós com eles e eles conosco, caminhamos colhendo pistas sobre a experiência de sermos corpo. E essa colheita não é exclusiva nossa, se põe em prática em coletivo. Isso nos dá um novo sentido de pesquisarCOM. A partir do trabalho corporal, corporeisamo-nos COM, descobrimos novas pistas e seguimos pesquisando, tecendo novas versões sobre o que é ser corpo”. (SIMBINE *et al*; 2015, p. 4)

Caminhando junto e formando com, a abordagem da cartografia como metodologia de pesquisa (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009; Passos, Kastrup e Tedesco, 2014) também nos ajuda a tecer uma dança que acessa. Concebida no entendimento de pesquisa-intervenção, a cartografia acompanha processos da prática como método na aposta da multiplicação de sentidos, que

---

<sup>6</sup> O Perceber Sem Ver é um projeto de pesquisa e extensão coordenado pela Profa Dra Márcia Moraes e vinculado ao departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

numa política do pesquisar, não utiliza de procedimentos a priori. Os procedimentos da pesquisa se fazem no caminhar, no encontro. Segundo Barros e Passos:

“A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. [...] O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico.” (PASSOS *et al*, 2009, p. 17 e 18)

Interesse e curiosidade são posturas que o cartógrafo toma ao estar junto na construção do campo de pesquisa, elaborando dispositivos que forcem a pensar na problematização das incertezas. Cartografar é modo de estar, é atenção às forças, é porosidade. A pesquisa desenvolvida está em constante mudança e movimento. Denominamos de “analísadores” os eventos que emergem da ação, do encontro, do estar junto. Aqui os analisadores insurgem das oficinas/aulas/vivências da dança com pessoas com deficiências. Cartografar é sobretudo uma experiência em dança através dos movimentos de uma grafia sensível e encarnada. (RIBEIRO; LARANGEIRA; ALBUQUERQUE; GOUVEA; CHILINQUE, 2017: 147)

A cartografia desse trabalho de conclusão se escreve por perguntas e desejos de estudos de corporeidades, diversidade, movimento, saúde, criação e curiosidade. Em 2019, apresento e escrevo meu primeiro artigo na categoria relato de experiência no Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança<sup>7</sup> intitulado “CRIANDO DANÇA COM A DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENCONTRO POTENTE DA CRIAÇÃO” em que anuncio o aprofundamento das relações do movimento criativo, a vivência com

---

<sup>7</sup> A Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA) é uma associação civil, de natureza científica, sem fins lucrativos, fundada em 04 de julho de 2008, que congrega pesquisadores, centros e instituições dedicados a promover, incentivar, desenvolver e divulgar pesquisas no campo da Dança.

a pesquisa acadêmica e a escuta sensível nas práticas das oficinas de artes realizadas com crianças do ensino fundamental do 3º e 4º ano no Instituto Benjamin Constant. As oficinas de Práticas Inventivas oportunizaram a relação da dança-educação e a educação especializada na deficiência visual, permitindo um espaço de criação onde o corpo é o protagonista. Tal ação de extensão criou frestas de respiro na instituição, pois tínhamos espaço de fala nas reuniões de coordenação, presença na sala das disciplinas regulares e como devolutiva para a instituição elaboramos uma Exposição Artística<sup>8</sup> dos nossos encontros, que por falarmos de experiência estética tinha um circuito sensorial com algumas das atividades que realizamos nas oficinas. Oportunizamos então o acesso às experiências corporais e um saber do corpo, em experimentação, muito valioso na perspectiva da dança-educação.

“Neste sentido, para finalizar, trago a descrição poética de uma cena desta experiência aqui relatada: Tocar é movimento com afeto. Pés do samba no trem; última oficina do ano de 2017. No planejamento tinham momentos de contexto histórico crítico sobre o samba e o racismo, tema perguntado por um aluno participante - o que é racismo? Então demos espaço para o tema na abordagem do samba. Momentos de apreciação musical e momentos de dança dos pés. Usamos como estímulo o plástico bolha. Agora vem nessa cena comigo. Uma sala retangular, com iluminação solar indireta pelas janelas altas de um prédio tombado. Antigo. Chão de plástico bolha. Perfura a sala criando volume no espaço um grupo de 7 alunos, meninas e meninos, na euforia de saber que é a última aula do ano. Caos instaurado! Ouça os estouros, ouça os pés pisando forte- alto. 14 pés de criança. Pulos, pés juntos e separados, pulos. Até onde vai esse chão? Até aqui. Opa, Volta. Estouros. Instaurado então DANÇA. Corpo criando com-tato, com-pé, no corpo. Planejamento completamente destruído. O corpo não respeita o planejamento, é tudo junto. A dança toma por completo e o movimento tem som, corpo, olhos, sorrisos e euforias.” ( PAULA, 2019: p 1718)

O movimento é caminho de investigação na dança. A caminhada é a etapa estimada visto que as corporeidades dos dançantes é formada por

---

<sup>8</sup> Texto de divulgação: A **OFICINA PRÁTICAS INVENTIVAS TEM O PRAZER EM LHES CONVIDAR PARA A 3ª EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES FEITAS PELOS ALUNOS DE 3º E 4º ANO DE 2017** Ao longo do ano, foram muitas as experiências vividas: tivemos entrevistas com convidados especiais; oficinas de artes-plásticas com argila, tinta, sucata; oficinas corporais com momentos de dança e correria, e momentos de meditação e relaxamento; e muitas conversas e brincadeiras que partilhamos juntos, crianças, adolescentes e adultos. Hoje, convidamos a todos a conhecer um pouco das nossas oficinas e experimentar também um percurso sensorial único. Sejam bem-vindos! *Equipe Práticas Inventivas Orientadora: Jerusa Machado.*



diferenças e singularidades. Na aposta da experimentação de si em que o objetivo é a criação, a dança aparece ao se deparar com a possibilidade de se mover. O referencial da criação é o corpo de cada um, é o protagonismo das subjetividades na feitura artística, na concepção da dança não excludente e acessível.

Identificada a possibilidade de descoberta ao debruçar sobre pesquisas entre arte, educação, dança e deficiências me aparece o caminho acadêmico da Iniciação Científica. A iniciação científica é uma forma de introduzir os alunos da graduação no caminho da pesquisa científica. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) tem o objetivo de despertar a vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre estudantes de graduação, mediante sua participação em projetos de pesquisa, preparando-os para o ingresso na pós-graduação, contribuindo de forma decisiva na redução do tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação<sup>9</sup>. Sendo então a pesquisa um conjunto de ações que visam a descoberta de novos conhecimentos em uma determinada área.

O projeto de pesquisa “Acessibilidade estética para pessoas com deficiência visual: cognição inventiva, atenção conjunta ações afirmativas” (CNPq), orientado por Virgínia Kastrup / Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro / NUCC- Núcleo de Pesquisa Cognição & Coletivos é onde me aproximo e ingresso em 2020. Pela necessidade da inclusão dada às universidades a partir das cotas, a pesquisa científica investiga o problema da acessibilidade a partir da construção coletiva do espaço acadêmico, no caso o Instituto de Psicologia da UFRJ, discutindo a política da acessibilidade e seus desdobramentos. A pesquisa integra o projeto de extensão “Acessando uns aos Outros”, que articula de modo indissociável a intervenção e a pesquisa, apostando na potência da arte para promover encontros e trocas não hierárquicas em grupos heterogêneos, que atuou de forma expansiva nos anos de 2018 e 2019 no campus da Praia Vermelha da UFRJ e com parceiros do Instituto Benjamin Constant (IBC) promovendo Encontros Estéticos que são oficinas de práticas artísticas e/ou de

---

<sup>9</sup> O PIBIC. <http://posgraduacao.ufrj.br/pibic>

sensibilização, visando o encontro da diversidade de corpos e a partilha de experiências<sup>10</sup>.

Na problematização da imagem social da deficiência como incapacidade, a pesquisa indica possíveis deslocamentos na política cognitiva capacitista dos estudantes. Por meio da promoção do IV Encontro Estético realizamos, de forma online, um encontro para Pensar Dança que na percepção de si trouxe a atenção ao corpo, momento em que experimentamos e questionamos alguns ditos sobre a corporeidade e o movimento.

### **1- Vocês dançam? Encontro Estético Online**

A oficina teve cinco momentos: a chegada dos participantes com uma breve apresentação, a contextualização pela pergunta disparadora "Vocês dançam?", uma prática de autopercepção totalmente falada e por fim as percepções de cada um sobre a prática. A atividade foi realizada em setembro de 2020, em que o público alvo eram os alunos de psicologia. A divulgação foi feita no grupo do whatsapp (chamado acessibilidade IP). O grupo foi composto por 5 alunos com deficiência (cego, baixa audição, baixa visão, cadeirante e deficiente físico) e 4 pessoas sem deficiência que são integrantes e/ou parceiros do projeto. Os nomes e falas estão autorizadas para fins de uso da pesquisa, assim como a gravação do evento e a transcrição da mesma.

Por uma política curiosa do corpo, uma pergunta que me ficava era essa: o corpo move e assim por isso podemos dançar, será que as pessoas com deficiência dançam? Existe uma ideia muito hegemônica, branca, normativa, cristã e eurocentrada sobre a dança e se considerar um dançarino já uma questão para as pessoas sem deficiência por conta principalmente da lógica excludente e da categorização do que é dança ou não, logo tudo o que não corresponde ao padrão não é dança. As danças moderna e contemporânea são, enquanto movimento político, um projeto artístico

---

<sup>10</sup> Ver o Caderno de Pesquisa PROJETO DE EXTENSÃO: ACESSANDO UNS AOS OUTROS: ATENÇÃO CONJUNTA E EXPERIÊNCIA COM A ARTE COM GRUPOS HETEROGÊNEOS PROJETO DE PESQUISA: ACESSIBILIDADE ESTÉTICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: COGNIÇÃO INVENTIVA, ATENÇÃO CONJUNTA E AÇÕES AFIRMATIVAS. (2018 / 2019)

emancipatório onde os espartilhos e a sapatilha de ponta são deixados de lado por Isadora Duncan (1877-1927) e o jogo de luz e sombra no tecido branco de Loie Fuller (1862-1928), assim como as danças e rituais dos povos originários. A dança que quero convocar para além das categorias estéticas (clássica moderna, contemporânea, contra coreográficas) tem a ver com a vida, com a potência dos corpos, com o prazer. E falando de movimento, este não tem categoria ele foi categorizado para se afirmar enquanto arte.

Neste paradigma sobre a dança e a corporeidade, no protagonismo da criação e da experimentação de si em movimento, em arte, que a investigação culmina na pergunta: "vocês dançam?" Poderia ser uma resposta simples, um grande e potente sim, porém a sombra da imagem hegemônica da dança aparece, e ousa dizer que a ideia hegemônica sobre o corpo da pessoa com deficiência e tudo que há nessas subjetividades. Numa escuta sensível dos acontecimentos, a atenção como cartógrafa e proponente da atividade é que faz ecoar algumas falas dos participantes, trago então a transcrição do evento.

*Layla:* Oi gente! Então, sou Layla, sou também da equipe do projeto, tenho 27 (anos), sou estudante da UFRJ e faço licenciatura em dança. Sou uma mulher negra, estou de tranças, tô com uma blusa laranja e atrás de mim tem uma prateleira amarela. Como eu sou [de] dança e a gente tem esse diálogo com a deficiência e com as artes, eu já sou também... eu sou interessada. Já tava um tempo pesquisando isso. E hoje a gente ia fazer (iremos, íamos, não sei ainda) nosso encontro estético. Conversando sobre o que é dança, sobre o que é o movimento pra gente. E a gente tá dialogando um pouco, qual movimento é possível pro nosso corpo sabe? Abrindo, ampliando no sentido de que dança é mais (pode ser e é mais) do que os gêneros que a gente conhece. Aí o Sérgio comentou sobre a filha dele, a Samara. Eu a conheço também... ela é lá do prédio que eu estudo e ela é da dança de salão, como modalidade de dança. A Samara dança lindamente bem, gente.

*Virginia:* Esse era bom a gente fazer um dia, ao vivo, na volta, da pandemia. A gente pode fazer um! Olha! A Natália tá chegando.

*Layla:* É, bem [...]. E aí hoje a gente já tá falando... vamos estar falando do que é dança pra gente. E aí vou fazer algumas perguntas pra gente pensar um

pouquinho sobre isso e também praticar. Também preparei uma prática pra gente

*Virginia:* E que seria a gente fazer aqui coisa que é possível a gente fazer online que também são legais pra trabalhar o nosso corpo que está tão parado nessa pandemia. Que tá tão preso em casa, que está fazendo tão pouco, que está se movimentando pouco. Às vezes de uma cadeira pra outra. Eu digo que eu vario da cadeira aqui que eu trabalho, a cadeira do computador, o sofá

*Layla:* A cama.

(Nathalia fala pelo chat: Boa tarde gente, desculpem o atraso)

*Virginia:* A gente não tá com aquela vida mais ativa que a gente tinha, então nosso corpo tá reclamando, não é? Disseram que tanto a tela... disseram que até a máscara tá produzindo problemas no rosto porque a gente não mexe quase a boca pra não tirar a máscara no lugar. Eu sei que a gente tá com o corpo todo estranho. Mas é isso. Vamos passar então a palavra pra cada um falar um pouquinho. Já temos aí a Nathalia que chegou, o Moisés. Vocês querem se apresentar? Rosiléia...

Rosilei: Oi

*Virginia:* Karina, Mário...

*Mário:* Oi! Então eu vou falar. Então, [eu sou o] Mário, sou do 6º período de Psicologia, tenho 40 anos. Estou com uma blusa escura.

*Virgínia:* Quem não conhece o Mário?

*Rosileia:* Todo mundo.

*Mário:* Uso óculos e atrás de mim tem uma parede branca.

*Virginia:* Mário é o nosso relações públicas.

**Mário: Verdade, verdade... e estamos aqui hoje pra interagir nessa aula aí com a Layla. Vai ser muito interessante. Se a gente não mexer o corpo a gente atrofia.**

A dança e a interface da saúde emergem da fala do participante Mário que é um homem cadeirante, a atrofia enquanto doença aparece pela falta de mobilidade e de cuidado com o corpo. A dança é um acesso a perceber pelo movimento artístico à saúde, um cuidado que não é cura, como deixar de ser cadeirante por exemplo, mas sim na promoção de vitalidade e prazer que a dança viabiliza.

Elaborei uma prática de dança na atenção minuciosa, com a proposta de tocar o rosto para conhecer as curvas dos ossos da face. Uma atenção ao fazer, ao investigar a si mesmo onde o objetivo não é a forma, e nem poderia ser. Uma aposta no fazer-sentir do encontro que formamos com, um estado de presença no aqui e no agora da corporeidade coletiva, diversa e porosa. Uma experiência de contato sensível, em que a pele tem um papel essencial visto que é o maior órgão e invólucro corporal. E a flor da pele inflamamos todo o metabolismo, um lugar de acesso entre o externo e o interno, que tocamos e somos tocados, esse órgão receptivo de contorno. (RIBEIRO: 2016)

## **2 - Dançarinos que se experimentam, dançando do meu jeito.**

Os estudos de interseccionalidade apontam a marca social que atravessa as corporeidades das pessoas com deficiência e na atual geração do estudos sociais a politização da deficiência afirma aspectos fundamentais para a micropolítica da deficiência. O entendimento que a sociedade cria o não acesso é importantíssimo, pois a deficiência é criada pelas forças que regem a forma que lidamos com a diferença, pela exclusão. Caminhos estes que foram politizar o cuidado pelo saber especializado do mesmo, afirmar o protagonismo das subjetividades das pessoas com deficiência, a dimensão da transversalidade das opressões com outras categorias sociais como raça e etnia (gênero, idade, entre outras) é o entendimento e luta dos estudos sociais e políticos da deficiência no Brasil atualmente.

Segundo Anahí Guedes de Mello (2016), a corponormatividade compulsória é o capacitismo em atitudes preconceituosas que adequam pessoas e seus corpos em função de um padrão de perfeição, beleza e capacidade funcional. Na tomada de decisão de agente da micropolítica da deficiência, criar frestas de respiro para as corporeidades se experimentarem é a proposta inventiva do movimento expressivo, a dança.

*Layla:* Aí a gente vai tentando estar junto do jeito que a gente consegue. Hoje a gente vai estar pensando e conversando nesse corpo que pensa movimento. O que é a dança pra gente e como o corpo se relaciona. Vou perguntar primeiro: você é de dançar? Assim, dançar um baile charme de Madureira, né, Sérgio? Como é isso pra você?

*Natalia:* Depende. Eu sou muito ruim.

*Natalia:* Gente, é sério, sou uma tragédia. “Vai pra esquerda”. “Qual é a esquerda? Ah, pra lá!”.

*Camilo:* Ah, não! Dançar para mim é muito legal, mas eu tenho que tomar alguma coisa antes. Tomo cerveja e danço qualquer coisa que vocês pedirem.

*Virgínia:* Qualquer ritmo.

*Camilo:* Todos! Fico desinibido.

*Layla:* Moisés não respondeu?

*Moisés:* Eu sou travado também. A única vez que participei de um evento de dança foi há nove, dez anos.

*Virgínia:* Mentira?!

*Moisés:* Fora isso, danço escondido. Tenho mais vergonha.

*Virgínia:* Ah...

*Layla:* Então existe uma modalidade em que se faz escondido? Essa todo mundo faz.

*Moisés:* Ligo o som. Boto no computador e danço uns rocks aqui.

*Layla:* Mario gosta de quê?

*Virgínia:* Olha o rock! Gostei de ver!

*Moisés:* Isso é, família, meus pais e minhas tias gostam de forró e botava eu pra dançar.

*Virgínia:* Mentira! Olha os gêneros.

*Moisés:* Aí tive que acompanhar.

*Virgínia:* E aí você se movimenta bem sem público, mas...

*Moisés:* Eu não gosto porque tenho vergonha, mas a música que eu gosto de dançar é rock em casa. Do meu jeito.

*Layla:* Ah... Tá bem.

*Moisés:* Ou mais quando eu estou em família. Fora isso, não danço, não.

*Virgínia:* Mas aí você faz como, Moisés, bota o som?

*Moisés:* Coloco o som aqui nesse computador, que tem músicas de rock brasileiras, reggae e hip hop. Tudo está aqui.

*Virgínia:* Está igual ao Camilo. Tem todos os gêneros!

*Moisés:* É

*Layla:* Muito bom.

*Camilo:* Forró é muito bom. Eu gosto de forró também.

*Moisés:* Eu sou chegado ao rock. As outras músicas eu gosto também, mas o rock pra mim é o primeiro.

*Virgínia:* Olha que interessante, hein... Mas sua família é do forró e você é mais do rock.

*Moisés:* Rock.

*Virgínia:* É! Gostei de saber.

*Moisés:* Eu gostei quando estava mudando a faixa do rádio, aí eu vi o último show do Renato Russo.

Ao perguntar sobre a dança, para aquele grupo, emergiu as corporeidades deles. Mediante a pergunta "Vocês dançam? Como é isso pra vocês?" apareceram respostas sobre as características da personalidade, interesses pessoais, a vivência com a família, a bebida alcoólica, gêneros musicais e as crenças. Moisés conta sobre dançar escondido o rock, aparece o gênero musical e seu gosto pessoal, um espaço que ele cria para ele se

mover como quer e deseja, como ele se expressa. Nathalia conta sobre a lateralidade é uma questão para ela, a espacialidade do corpo no espaço é o que aparece como saber nebuloso sobre si. A dança é um dançar do meu jeito que surge como categoria, como espaço de criação. Nessa atenção de cartógrafa que pistas da corporeidade dos participantes surgem, como diz Kastrup (2009):

“A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado. A atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento. As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso. Algumas concorrem para modular o próprio problema, tomando-o mais concreto e bem colocado. Assim, surge um encaminhamento de solução ou uma resposta ao problema; outras experiências se desdobram em microproblemas que exigirão tratamento em separado.” (KASTRUP, 2009, p 34)

Nessa construção de espaço para experimentação, que foi a oficina, a escuta sensível aos ditos sobre o corpo e a prática de dançar é uma atitude política do fazer pesquisa. E a fim de pensar junto e perceber que são os arranjos e forças que compõem a ideia sobre o dançar. Enunciações sobre si mesmo na auto observação e compartilhamento que na coletividade é possível conhecer outras formas de relação com a dança.

E por essa forma construir campo de pesquisa que o nome “pensar dança” para a oficina vem posterior ao evento, como resultado do encontro. Em equipe percebemos a corponormatividade emergindo como questão e a surpresa dos gostos e desejo de mover na experimentação, dançando “do meu jeito” evidenciando a aposta da expressividade do movimento criativo.

A dança é um dispositivo por ela mesma, pois aciona um campo, instaurando um espaço tempo que não está ligado a uma função ou uma ocupação objetiva do corpo. Um efêmero do território de mover pelo prazer apenas, e por muito, percorre o esvaziamento do utilitarismo da vida. Dançar é



o verbo de fazer possível das corporeidade, apostando na política do acessível pelo incentivo da curiosidade de si mesmo nesse corpo que se é e que formamos com. Uma pesquisa do corpo ao gesto sem sentido dado e sim experienciado e apropriado, tomado como território a conhecer no acessar.

## CONSIDERAÇÕES E ENTRELACES

engolir. ouvi de dentro o som de engolir. thais convida à esta escuta. uma memória visual surge, a imagem da estrutura anatômica sobre o sistema respiratório e digestivo. quando a thais, em voz, me convida a ouvir a respiração. nisso escuto a thais dentro da minha cabeça, no auricular da orelha. engoli algumas vozes e ouço minhas amígdalas sangrarem por não conseguirem filtrar aquelas palavras. a inflamação somatiza em defesa do sistema de filtragem do que entra pela boca. engoli e engasguei. engoli e gritei em lágrimas. engoli e vomitei. tantas vozes engoli que entalou e sufoquei. e na mesma intensidade da dor eu me ouvi de dentro e num ato emancipador, limpei meus ouvidos - me ouvindo em análise. engoli água doce e limpei, me lavei. tive que mover o corpo todo pra buscar o copo, enchê-lo e bebê-lo nisso me movi em defesa, em cuidado atento. fortaleci a defesa no meu poder de escolha e fazer por mim sempre. (uma cartografia feita após o trabalho com a Thais Chilique, discente do PPGDAn da UFRJ que naquele momento realizava junto ao onucleo seu estágio de docência)

Início o fim me expondo ao compartilhar um relato de experiência elaborado ao final de uma prática da pesquisa “*Posaûsub Ibi* (sonhar o chão): corporeidade e decolonialidade nos cruzos da dança”, atividade desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança - onucleo - do Departamento de Arte Corporal e do PPGDan da UFRJ, que integro a equipe desde 2020. onucleo se propõe ao alargamento do campo da dança, num atravessamento com os saberes e práticas oriundos dos campos da saúde, da educação, das artes e da política, numa perspectiva transdisciplinar (RIBEIRO *et al.*, 2017). Território fértil que co-crio os diálogos da dança na vida junto de mulheres que potencializam e troco respiros sobre desejos, medos e caminhos de saberes. E portanto, por tanto, somam terra de chão nessa escrita performativa de curiosidades e perguntas que movem este corpo- palavra. Nesse canal de abertura ao novo, o estado dança, que a corporeidade se dilata

à invenção, que a pesquisa em dança se inflama ao novo, ao outro. E faço eco de mim mesma ao dar escuta as dúvidas que construíram o caminho nessa vivência acadêmica e este trabalho de conclusão.

Ao encontrar-se no corpo, ao olhar para dentro, que as bordas são borradas num plano de acontecimentos e produção de novos sentidos. A complexidade da existência emerge nas dobras articulares azeitando as partes de osso num dançar com os olhos voltados para mim, para si. O acesso à dança está em política decolonial da arte. A dança se cria no encontro, nos contatos potencializadores da vitalidade do outro e do eu.

Enquanto licenciada em dança, me nutro de toda a multiplicidade da experiência estética que se propõe a fazer azeitar lógicas que são dadas a todos de modo normatizador. Alargando e fortalecendo esse compor-se-com no redirecionamento dos referenciais para criar mais entre, mais cruzamentos, mais saberes encarnados, teço uma dança que acessa. E concluo este percurso apostando na auto observação e na curiosidade em si mesma e no espaço ao redor como atitude política para mover e criar caminhos com outros. Deixando suspensa as inquietudes desta mulher negra que dança com a pele, move com a pele e toca com os olhos.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, B., Jr. O normal e o patológico: Uma discussão atual. In A. N. Souza, & J. Pitanguy (Orgs.), *Saúde, corpo e sociedade* (pp. 57-79). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Original publicado em 1943)

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência e saúde coletiva*, v.21 n.10, 2016, p. 3265-3276.

MORAES, Marcia. *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual*. In: MORAES, Marcia (Org.) e KASTRUP, Virgínia (Org.). *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010, p. 26.

MOTTA, Maria Alice. *Teoria Fundamentos da Dança: uma abordagem epistemológica à luz da Teoria das Estranhezas*. Dissertação de mestrado, *Ciência da Arte, Instituto de Arte e Comunicação Social, UFRJ*, 2006.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana de. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCOSSIA, Liliana. (orgs) *.Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e

TEDESCO, Silvia. (Orgs.) Pistas do Método da Cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PAULA, Layla Monçores da Silva de. Criando dança com a deficiência visual; uma experiência sobre o encontro potente da criação. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019. p. 1715-1719.

KASTRUP, Virgínia; POZZANA, Laura. Encontros com a deficiência na universidade:deslocando o capacitismo em oficinas de formação inventiva. Mnemosine Vol.16, nº1, p. 33-52, 2020.

RIBEIRO, Ruth Silva Torralba. Sensorial do corpo: via régia do inconsciente. Niterói: Eduff - 147p. 2016.

RIBEIRO, Ruth Silva Torralba, CALFA, Maria Ignez de Souza. Pensamento e movimento no estudo da corporeidade. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 6, N.1- pág. 37-52, 2020.

RIBEIRO, Ruth Silva Torralba; LARANGEIRA, Lídia Costa; ALBUQUERQUE, Laura Vainer; GOUVÊA, Bruna Raquel Simões; CHILINQUE, Thaís Leitão. A dança como política do encontro com e pessoas e lugares. Revista Fractal – Dossiê Corporeidade. Catarina Resende e Ruth Silva Torralba Ribeiro (orgs), v. 29, n. 2, 2017.

SUS - SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. Site do Ministério da Saúde <https://antigo.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude> Acesso em: 20 julho. 2021

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – DANÇA – EEFD/UFRJ
---

**Formato do TCC: Monografia ( ) ou Memorial ( )**

Aluno 1: \_\_\_\_\_ DRE: \_\_\_\_\_

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	Professor Orientador		Professor Convidado
<b>1. Impressão geral: (1,5 pontos)</b>	<b>Aluno 1</b>	<b>Aluno 2</b>	
a) O trabalho contribui para a área, apresenta uma forma produtiva de conhecimento?			
b) Nota-se, no trabalho, a capacidade/elaboração crítica dos alunos?			
c) Os alunos se envolveram no processo de elaboração do trabalho? Demonstraram organização e independência intelectual?			XXXXXX
d) O trabalho está bem encadeado?			
<b>Nota 1 =</b>			
<b>2. Formatação, organização, redação: (1,5 pts)</b>			
a) Os critérios básicos de formatação foram seguidos?			
b) A redação é clara e organizada, inclusive as citações?			
c) As referências são adequadas e atuais?			
<b>Nota 2 =</b>			
<b>3. Conteúdo: (7 pontos)</b>			
a) A Introdução apresenta claramente os elementos básicos?			
b) A Fundamentação Teórica é coerente, consistente e atual?			
c) Os procedimentos metodológicos são adequados e estão claramente descritos?			
d) Os dados são adequadamente apresentados e discutidos? (no caso de pesquisa teórico-empírica)			
e) A Conclusão é coerente com os objetivos?			
<b>Nota 3 =</b>			
<b>SOMA DAS NOTAS (1 + 2 + 3) =</b>			
<b>Nota Prof. RCC (Processo + Apresentação)</b>			XXXXXX
<b>MÉDIA FINAL =</b> (Nota Orientador x 2 + Nota Convidado + RCC / 4)	<b>Aluno 1</b>	<b>Aluno 2</b>	
<b>Assinatura Prof. Orientador:</b>			

<b>Assinatura Prof. Convidado:</b>
------------------------------------

<b>Ass. Prof. RCC:</b>
------------------------

<b>Data:</b> /     /
----------------------